

## Sobre a conversação a distância: tecnologias informacionais da comunicação e sociabilidade

Long distance conversation: information technologies and sociability

*Ericson Saint Clair*

*Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Bacharel em Comunicação Social pela Uerj.  
E-mail: ericson@ism.com.br*

*Ilana Feldman*

*Graduada em Cinema pela Universidade Federal Fluminense, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação.  
E-mail: ilafeldman@uol.com.br*



### Resumo:

Trata-se de fornecer elementos para a investigação do estatuto da conversação a distância na contemporaneidade, notadamente a mediada por computadores. Para isso, focamo-nos primeiramente na prática conversacional como um todo, inserindo-a em um contexto social mais amplo de progressivo esfacelamento das distinções entre os domínios público e privado. Em seguida, recuperamos algumas das perspicazes observações de Gabriel Tarde a respeito da conversação: suas especificidades, alguns de seus matizes históricos e, no que se refere a nosso objetivo particular, suas intrincadas relações com a sociabilidade vinculada aos dispositivos de comunicação. Finalmente, a partir do arcabouço teórico delineado, indicamos algumas das implicações do advento das tecnologias virtualizantes no agir conversacional contemporâneo.

Palavras-Chave: Conversação 1. Tecnologias virtualizantes 2. Sociabilidade 3.

Conversar é arte tão delicada que os próprios especialistas costumam esquecer-se dela.

Carlos Drummond de Andrade

Pensar as especificidades da prática da *conversação* atrelada aos dispositivos comunicacionais torna-se premente. Isto se dá, especialmente, em face do recente fenômeno de proliferação de tecnologias, tais como telefones celulares e *softwares* de computador (*e-mails*, *chats*, *MSN*, *ICQ*, *Orkut*, *blogs* e listas de discussão, principalmente), que propõem modulações outras ao agir conversacional. Tal profusão de aparatos tecnológicos de diálogo instiga-nos a investigar de forma mais

detida o estatuto da *conversação a distância* na contemporaneidade, notadamente a *mediada por computadores*.

Não obstante, além dos dispositivos tecnológicos comunicacionais já citados, poder-se-ia ainda acrescentar outros canais de comunicação não-dialógicos, mas cuja conversação modula não somente modos de agir, como também padroniza e normaliza posturas, condutas e comportamentos. Este é o caso dos *sites* de ciber-fofoca<sup>1</sup> – virtualização das revistas de celebridade – que, valendo-se da dinâmica de atualização permanente, minuto a minuto, operacionalizam informações “quentes”, boatos e

<sup>1</sup> Dentre os *sites* de ciber-fofoca podem-se citar: *O Fuxico*; *Mexerico*; *Futrico*; *Babado*; *Te contei*; *Espando* e *Dona Lupa*, além das versões eletrônicas das revistas *Quem Acontece* e *Caras*.

fofocas<sup>2</sup>, fazendo falar para além dos limites fronteiriços das revistas eletrônicas, numa dinâmica de (ciber) vizinhança.

Em que medida a *conversa*ção mediada por computadores, pautada por uma lógica de atualização permanente, velocidade, descartabilidade e caracterizada fundamentalmente pela instantaneidade das trocas comunicativas, contribuiria para alterações de fatores fundamentais da conversação, tais como aspectos socioeconômicos, lingüísticos e subjetivos, por exemplo? Diante de questões dessa estatura, é preciso mapear o contexto histórico-social em que a prática da conversação se insere, bem como os diversos campos de força que se relacionam a ela e, ainda, por meio dela<sup>3</sup>.

A conversação em contexto: esfacelamento da distinção entre público e privado

De início, focamo-nos primeiramente na conversação como um todo, inserindo-a em um contexto social mais amplo de progressivo esfacelamento das distinções entre os domínios público e privado. Tal esfacelamento pode ser brevemente analisado à luz do pensamento da filósofa Hannah Arendt, que, em *A Condição Humana*<sup>4</sup>, se debruçou sobre a aniquilação das distinções entre as esferas pública e privada, a partir da historicização desses conceitos desde o antigo mundo grego ao mundo moderno. Para os gregos, o homem que vivia uma vida inteiramente privada não era inteiramente humano, pois estava privado (como no caso dos escravos e dos bárbaros) de uma instância fundamental: a esfera pública. Vivía, assim, em “privação”. De modo antagônico, o individualismo moderno enriqueceu a vida privada – e fez dela o único sentido possível

para a existência humana –, hipertrofiando-a na mesma medida em que apagava completamente qualquer vestígio dessa acepção inicial de “privação”. “Privacidade” quer dizer, modernamente, intimidade e subseqüente autenticidade, opondo-se ao “social”, que, por sua vez, para os gregos, ainda era uma dimensão da esfera privada.

Foi a ascensão do social e da moderna acepção de sociedade, com os Estados nacionais, que provocou a extinção radical das diferenças entre os domínios público e privado, transformando a esfera pública em mera *função* da economia doméstica, em mera administração da vida dos cidadãos, promovendo, desse modo, uma intrincada identificação entre família e sociedade. Considerada, a partir de então, *função* da sociedade, a esfera pública destinou-se a proteger o lado produtivo e social do homem, mediante a administração do governo, reivindicando que seus membros ajam como integrantes de uma grande família, dotada apenas de uma única opinião e de um único interesse. A sociedade seria, assim, uma família com dimensão de nação.

Na esfera social, o “comportamento” substituiu a ação como principal forma de relação humana; a distinção e a diferença reduziram-se a questões privadas do indivíduo. De modo diverso dessa privatização do social, a esfera pública grega, identificada com a vida na *polis*, era caracterizada como um espaço de aparência, no qual os homens livres eram vistos, ouvidos e de onde emergia a distinção e a pluralidade a partir da ação. A singularidade dos homens era revelada, assim, no espaço público, e não em suas vidas privadas, as quais tendiam a ser homogêneas. Identificada com o bem comum e com um espaço aberto à observação, a esfera pública caracterizava-se

<sup>2</sup>Tais mecanismos de manutenção do *status quo*, ainda que fluidos e dinâmicos, inserem-se em um contexto de moralização e estratificação, cujo resultado final é a produção de “estabelecidos e outsiders”: referência ao livro homônimo de Nobert Elias, “Os Estabelecidos e os Outsiders”, fruto de um trabalho de campo em Winston Parva, nome fictício para a cidadezinha do interior da Inglaterra objeto desse estudo. Nessa pequena cidade, as tensões são múltiplas entre os habitantes e os forasteiros outsiders, considerados como estrangeiros que não partilham os valores e o modo de vida vigente. Mantidos à distância no cotidiano, afastados dos locais de decisão, dos clubes e das igrejas, os outsiders sofrem uma rejeição que se perpetua por duas ou três gerações, preservada por meio de boatos e fofocas.

<sup>3</sup> Convém salientar que a conversação será comumente abordada nas teorias da comunicação a partir dos anos 1960, especialmente na chamada etnometodologia, que, reunida ao interacionismo simbólico e à fenomenologia social, forma as chamadas sociologias interpretativas. “Lugar privilegiado das trocas simbólicas, a conversa é abordada como uma ação, não mais para o estudo da língua, mas como prática lingüística, para que se compreenda como os locutores constroem as operações dessa forma predominante de interação social e se desvendem os procedimentos e as expectativas pelos quais essa interação se produz e é compreendida”. Cf. MATTELART, Armand e MATTELART, Michèle. *História das teorias da comunicação*. São Paulo: Edições Loyola, 2000, p. 134.

<sup>4</sup> ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

também pela preocupação com a ultrapassagem do ciclo biológico das gerações através da imortalidade. O grego desejava, desse modo, ser visto, ouvido, e que algo de comum com os outros fosse mais permanente e durável que sua própria vida terrena. A *polis*, para os gregos, e a *res pública*, para os romanos, eram, segundo Arendt, a garantia de superação da futilidade da existência individual, espaço protegido contra a fugacidade do viver e reservado a uma relativa permanência.

Contemporaneamente, poderíamos aventar a hipótese de que o espaço público da “aparência” grega, onde os homens entabulavam tantas conversações e diálogos direcionados à produção de vestígios que perdurassem na eternidade, seria um contraponto interessante para tematizarmos a atual exacerbação discursiva, proliferação descontrolada de falas múltiplas e simultâneas provocadas por tantos e tão variados dispositivos tecnológicos comunicacionais, os quais operam invariavelmente no âmbito privado, a partir de tecnologias de separação. No entanto, é importante ressaltar que tais conteúdos frenéticos, efêmeros, descartáveis e instantâneos não são um efeito natural da era da comunicação generalizada; devemos, antes, compreender esse fenômeno que nos abarca – articulado sobremaneira com o fluxo incessante de visualidades bulhentas/ruidosas – como articulado a uma nova etapa da produção capitalista, a um novo estágio das relações sociais. Seguindo as frutíferas análises de Guy Debord sobre a “sociedade do espetáculo”<sup>5</sup> – segundo as quais o “espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediadas por imagens” –, poderíamos estender tal conceito para dar conta da

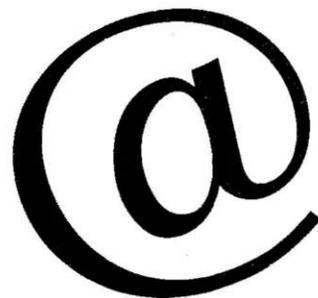
exacerbação da conversação contemporânea que, assim como o fluxo de imagens, também media as relações sociais, configurando-se como *modus operandi* de um capitalismo cada vez mais imaterial.

Por capitalismo imaterial entendemos o atual estágio do capitalismo contemporâneo, pós-fordista ou pós-industrial, também chamado de capitalismo cognitivo, por ter dado à dimensão cultural uma centralidade inédita, capitalizando a inteligência, a criatividade e as subjetividades como cerne de uma economia de curto-prazo que faz da própria vida o terreno mais fértil para seus investimentos.

A conversação em específico: sociabilidade e tecnologias

De modo que se possa investigar de maneira mais acurada os meandros da *conversação mediada por computador*, consideramos profícua uma avaliação a respeito da prática da *conversação* em si mesma: as especificidades do conversar, seus matizes históricos e, no que se refere a nosso objetivo particular, suas intrincadas relações com a *sociabilidade* vinculada às *tecnologias de comunicação*. É com tal intuito que recuperamos algumas das perspicazes observações tocantes à conversação na obra do filósofo, sociólogo e psicólogo francês Jean-Gabriel de Tarde, especialmente em sua última publicação ainda em vida: *L'Opinion et la Foule*<sup>6</sup>, de 1901.

No segundo capítulo deste trabalho, sobretudo, encontraremos um amplo panorama acerca das conversações humanas. Ao discorrer a respeito das conformações dos coletivos na modernidade, enfatizando as relações entre *opinião* e *público*<sup>7</sup>, Tarde propõe-se a estudar mais extensamente, “por ser um domínio inexplorado, o fator da



<sup>5</sup> DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

<sup>6</sup> Todas as referências a essa obra serão extraídas da tradução brasileira de Eduardo Brandão em TARDE, Gabriel. *A Opinião e as Massas*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

<sup>7</sup> Foge ao nosso escopo tratar em pormenores o conceito de opinião em Tarde e suas implicações na modernidade. Para dimensionar, todavia, a importância atribuída a tal conceito para o pensamento dos coletivos modernos, salientamos que, segundo o filósofo, “a opinião está para o público, nos tempos modernos, assim como a alma está para o corpo, e o estudo de um nos conduz naturalmente ao outro” (Ibid., p. 59).

opinião que já reconhecemos ser o mais contínuo e universal, sua pequena fonte invisível que escoia em todo tempo e em todo lugar com um fluxo desigual: a conversação” (TARDE, 2005, p. 75).

Mas o que se entende por conversação? Tarde a define delineando contornos bem nítidos:

Por conversação, entendo todo diálogo sem utilidade direta e imediata, em que se fala sobretudo por falar, por prazer, por distração, por polidez. Essa definição exclui de nosso tema tanto os interrogatórios judiciários como as negociações diplomáticas ou comerciais, os concílios e até mesmo os congressos científicos, embora se caracterizem por muito falatório supérfluo. Ela não exclui o flerte mundano nem as conversas amorosas em geral, apesar da transparência freqüente de seu objetivo, que não as impede de serem agradáveis por si mesmas (Ibid., p. 76).

Além de ser o principal canal da opinião, a conversação opera como o meio mais eficaz de engendramento e funcionamento do social como um todo. Isto porque a visão do social, em Tarde, é estreitamente vinculada à comunicação. Antes de prosseguirmos, portanto, nos valeremos de uma pequena digressão a respeito da concepção original de sociedade própria ao filósofo. Em uma de suas obras capitais, *Les Lois de l'Imitation*, de 1890, encontramos a seguinte definição para sociedade, notadamente no capítulo terceiro, intitulado *Qu'est-ce qu'une société?*: “O grupo social é uma coleção de seres na medida em que estejam imitando-se entre si ou na medida em que, sem se imitarem em ato, eles se assemelhem e seus traços comuns sejam cópias antigas de um mesmo modelo” (TARDE, 2001, p. 128)<sup>8</sup>.

Sobre o rico conceito tardeano de *imitação*, limitamo-nos aqui a assinalar que a *imitação é o princípio constitutivo das sociedades humanas*. Não é, entretanto, um princípio criador de servilismo e pura homogeneidade. Isto assim se dá visto que é inerente à imitação uma espécie de *motor de diferenciação infinitesimal*. O que se imita, fundamentalmente, são compostos plurais de *crença* e de *desejo*, tidos como duas “quantidades psicológicas” – essencialmente microscópicas – a que tudo se reduz e que funcionam em constantes interferências umas com as outras.

Nesse sentido, a *conversação* é uma das principais formas de propagação dos fluxos sociais. É por meio dela que melhor se expandem e cruzam as correntes sociais compostas de *crença* e *desejo*. Uma vez que se dá por propagação infinitesimal, o caráter consciente ou inconsciente da ação individual não importa tanto quanto seu efeito. Além disso, a ação de um indivíduo sobre o outro por meio da conversação não se restringe à determinante influência da fala, esse “primeiro luxo estético do homem” (TARDE, 2005, p. 82), mas conta ainda com os diversos timbres de voz, olhares, gestos, *passes magnéticos potenciais* desse processo. O *magnetismo* em Tarde não deve ser compreendido como simples metáfora, mas como conceito de caráter científico, aplicado à sociologia a partir de estudos de sonambulismo e hipnose bastante comuns na segunda metade do século XIX. Resumidamente, para Tarde, o ser social é um sonâmbulo cuja prioridade da consciência seria uma ilusão que dissimularia os reais meandros da *sugestibilidade* de um ser por outro. Não se trata de influenciar por meio da razão, mas o oposto: tratar-se-ia de pura contaminação sugestiva, mais

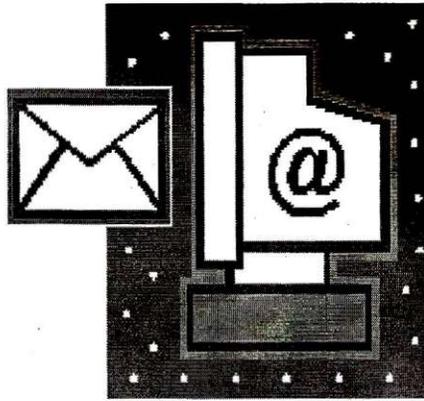
<sup>8</sup> Tradução nossa.

propriamente inconsciente que consciente.

Sendo assim, a conversação supostamente “sem compromisso” é aquela que, de forma mais intensa, permite a propagação dos fluxos sociais de crenças e desejos por meio da sugestibilidade. Tal sugestibilidade nos remete ao relevante tema moderno da *atenção*<sup>9</sup>. Tarde indica que o efeito mais importante da conversação – curiosamente o menos notado – é o da atenção que se dirige ao interlocutor quando este se expressa. “Ela marca o apogeu da *atenção espontânea* que os homens se prestam reciprocamente e pela qual se interpenetram com profundidade infinitamente maior do que em qualquer outra relação social” (Ibid., p. 77)<sup>10</sup>.

Um orador que discursa perante uma platéia atenta não disporia da mesma potência *magnética* que dois interlocutores que conversam entre si. Isto porque a intencionalidade consciente tanto do orador quanto da platéia, no primeiro caso, implicaria um menor grau de sugestão do que no segundo caso, quando a relativa “espontaneidade” da conversação permitira que se intensificassem as correntes de contágio imitativo.

Dada a potência destes “sonhos complexos a duas ou três vozes, mutuamente sugeridas” (Ibid., p. 100) que são as conversações, uma análise mais minuciosa de suas diversas modalidades torna-se premente. Primeiramente, convém ressaltar que a conversação apresenta um determinado conjunto de causas. Ela tem causas *lingüísticas* (quanto maior a riqueza da língua, de quanto mais nuances ela dispor, maior será a propensão à conversa), causas *políticas* (por exemplo, os temas tratados numa democracia alimentariam conversações distintas daquelas cujos temas seriam



atrelados a um regime autoritário), causas *econômicas* (por exemplo, a expansão do capitalismo financeiro na contemporaneidade, cujo *modus operandi* torna-se mais e mais abstrato, tanto suscita a proliferação de boatos – sobre flutuações da bolsa de valores<sup>11</sup>, por exemplo – quanto depende deles em dada medida) e muitas outras, como a postura corporal, por exemplo. Sobre esta última, vejamos:

Os antigos, em seus *triclinia*<sup>12</sup>, apreciavam sobretudo a conversação *deitada*, que devia ser bastante agradável, se julgarmos com base na lentidão característica, no encanto difuso e fluido dos diálogos escritos que eles nos deixaram. Mas as conversações *ambulantes* dos peripatéticos marcam um movimento de espírito mais vivo e animado. É certo que o discurso de pé difere profundamente, por seu caráter mais acentuado de solenidade, do discurso sentado, mais familiar e curto (Ibid., p. 91)<sup>13</sup>

Ainda, são importantes para as conversações o tempo dedicado a elas, o número e as características dos falantes, bem como o número e os gêneros de assuntos de que se fala. Quanto aos dispositivos comunicacionais, estes devem aqui ser considerados em especial. O advento de um novo meio de comunicação – sempre tributário de

<sup>9</sup> É caro à segunda metade do século XIX e ao início do século XX o tema da *atenção*. Em *Suspensions of Perception*, Jonathan Crary, a partir de uma metodologia que privilegia conexões transversais entre diversas áreas de saber, práticas e discursos, fornece-nos um interessante mapa das questões envolvendo subjetividade e atenção na modernidade. Crary indica que a ascensão da importância da atenção no século XIX é indissociável do surgimento de um novo modelo epistemológico que constituirá seus regimes de verdade a partir da corporeidade do sujeito. Quando a prioridade da consciência na garantia de representação absoluta do mundo é problematizada, a *atenção* emerge como novo lócus de interesse. Ou seja, quando o sujeito deixa de ser sinônimo de uma consciência que é essencialmente autopresente, quando não há mais a inevitável congruência entre subjetividade e pensamento, a atenção passa a ser importante, pois ela será o novo princípio regulador de garantia da consistência do mundo para o sujeito. Assim, destacar-se-iam duas condições para a ascensão da atenção como interesse epistemológico: a primeira delas relacionada ao colapso dos modelos clássicos de visão e do sujeito estável, pontual, que esses modelos pressupunham. A segunda refere-se à insustentabilidade de soluções a-priorísticas para problemas de caráter epistemológico. Cf. CRARY, Jonathan. *Suspensions of perception: attention, spectacle and modern culture*. Cambridge/Massachusetts: MIT Press, 2000.

uma determinada estrutura histórico-social – tem sobre as conversações os efeitos mais distintos. Quão devastadora não fora a influência do progressivo amadurecimento da imprensa, por exemplo, tanto em relação aos temas das conversações quanto aos modos como se passou a conversar?

Tarde, refletindo acerca da aceleração dos fluxos sociais na modernidade, dispensa às tecnologias comunicacionais um olhar especial, notadamente à imprensa escrita tornada madura quando de suas transformações vinculadas ao desenvolvimento da telegrafia elétrica. O telégrafo elétrico seria, então, a primeira tecnologia de comunicação a romper a congruência – até este período inevitável – entre o meio e a mensagem, por conta da transmutação de códigos sonoros em ondas eletromagnéticas e, destas, em códigos escritos. O rompimento desta congruência indica, de fato, uma relativização de barreiras geográficas para a profusão instantânea da mensagem. Tal inovação mereceu do filósofo algumas interessantes observações relacionadas à correspondência epistolar<sup>14</sup>, esta “conversa à distância, uma conversa continuada apesar da ausência” (Ibid., p. 131). Sobre as trocas de cartas e as conversações na modernidade e suas relações com a eclosão das diversas tecnologias comunicativas, destacamos:

Sabe-se o número delas, não se sabe sequer sua extensão. Seria curioso, no entanto, saber ao menos se, à medida que se tornam mais numerosas, elas não se tornariam mais curtas, o que parece provável, e mais secas também. E se existisse uma estatística das conversações, que seria igualmente legítima, gostaríamos do mesmo modo de ser informados sobre sua duração, a qual poderia muito

bem, em nosso século atarefado, estar em razão inversa de sua frequência. As cidades onde chove mais, onde cai mais água do céu – que me perdoem essa comparação – são muitas vezes aquelas onde chove com menos frequência. Seria sobretudo interessante conhecer as transformações íntimas do conteúdo das cartas assim como das conversações, e a estatística não nos oferece aqui nenhuma indução (Ibid., p. 136).

O crescimento do volume das correspondências atrelado à proliferação das tecnologias comunicativas, portanto, não seria necessariamente acompanhado por um aprofundamento destas trocas sociais. Talvez o efeito pudesse ser precisamente o oposto, dado o aumento da velocidade com que se dariam tais trocas. O contato, em boa parte utilitário, destas formas de comunicação, imersas em um regime de produção pautado pela lógica da velocidade, efemeridade e atualização permanente, contribuiria para a configuração de um peculiar *laconismo*, em meio a tais supostos “progressos” tecnológicos.

O laconismo utilitário dos telegramas e das conversações telefônicas, que vão invadindo o domínio da correspondência, faz com que o estilo das cartas mais íntimas *perca a cor*. Invadida pela imprensa de um lado, pelo telégrafo e o telefone de outro, se a correspondência sobrevive e, segundo a estatística dos correios, dá inclusive sinais ilusórios de prosperidade, isto só se deve possivelmente à multiplicação das cartas de negócios (Ibid., p. 138, grifo do autor).

A respeito de possíveis modificações na conversação

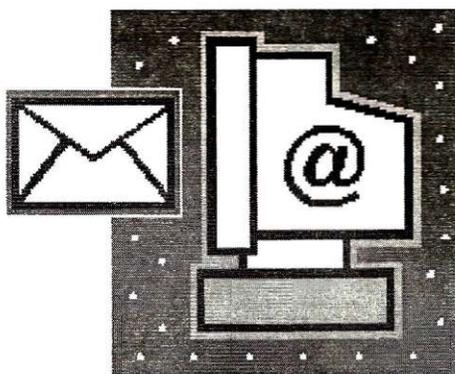
<sup>10</sup> Grifo do autor. Tal *atenção espontânea* citada por Tarde é remetida aos estudos de Théodule Ribot sobre o assunto. Cf. TARDE, 2005, p. 77.

<sup>11</sup> Sobre a relação entre a prática dos boatos e o funcionamento econômico, Peter Burke a historiciza em *A História Social da Mídia*: “O desenvolvimento do comércio trouxe notáveis conseqüências para a comunicação oral, sobretudo o aumento das trocas de valores e mercadorias, incluindo as bolsas de Bruges (1409), Antuérpia (1460), Lion (1462), Amsterdã (1530), Londres (1554), Hamburgo (1558) e Copenhague (1624). O mercador judeu sefardim José Penso de la Veba, em um diálogo em espanhol intitulado “Confusiones de las confusiones” (“Confusões das confusões”, 1688), forneceu uma vívida descrição de uma delas, a de Amsterdã, mostrando que a prática da especulação com ações de companhia e mesmo a classificação em “compradores” e “vendedores” já eram comuns na época. E também o hábito de lançar boatos de modo a forçar os preços para cima ou para baixo. O comportamento volátil das ações e sua dependência das mudanças de humor, do maníaco para o depressivo, mais obviamente perceptível nesse período pelo rápido aumento e colapso da South Sea Bubble (em outras palavras, especulação com as ações da South Sea Company de Londres em 1720), devem ser em parte explicados pelo meio oral. O fenômeno ainda é observado atualmente nas bolsas de valores” (BURKE, 2000, p. 40).

<sup>12</sup> Os *triclinia* eram as salas de jantar da Roma Antiga.

atreladas à popularização da telegrafia elétrica, a abordagem tardeana é sagaz na medida em que não subestima antigas formas de comunicação, como a correspondência epistolar, por exemplo. O cuidado com que o filósofo analisa esta mínima alteração da sociabilidade – não restrita à telegrafia elétrica, mas intrinsecamente vinculada a ela – nos evidencia a importância em não desviar-se da perscrutação das reconfigurações relativas à ampla rede de dispositivos de comunicação previamente existentes ao advento de uma determinada tecnologia. Tal atenção especial às relações – sempre em mutação – desta rede de dispositivos comunicacionais de um dado contexto histórico-social nos é basilar. Ela evita que se adira inadvertidamente a determinismos tecnológicos de toda sorte.

As observações de Tarde a respeito da conversação e de suas especificidades nos seriam, portanto, bastante elucidativas para a investigação das práticas contemporâneas de *conversação à distância* vinculadas às *tecnologias virtualizantes*, especialmente à Internet. De que forma? Primeiramente, ao propor uma concepção da conversação não tributária de uma suposta prioridade da consciência humana no agir conversacional. A chamada conversação espontânea nada apresenta de inocente, visto que expressaria uma poderosa força de atenção dirigida a outrem, a partir da qual se operariam as propagações imitativas dos compostos infinitesimais de crença e desejo por meio da sugestão. Ainda, ao salientar que a conversação apresenta causas de naturezas diversas (econômicas, políticas, linguísticas, dentre outras, como a postura corporal), o mapeamento detalhado destes fatores



é crucial para sua elucidação.

Finalmente, sobre as relações entre conversação e tecnologias comunicacionais – mais especificamente, ao indicar, por meio da análise dos dispositivos comunicativos de seu tempo, que o relativo aumento da quantidade e da velocidade das trocas interpessoais pode nos iludir quanto a uma possível intensificação dos contatos sociais. Apesar de constantes, tais trocas podem ser em grande parte gestos utilitários enredados no processo de contínua aceleração, abstração e desmaterialização do capital, como seu freqüente laconismo evidenciaria.

Configurando-se, assim, como *modus operandi* de um capitalismo imaterial pautado pelo curto-prazo, a conversação à distância atrelada sobremaneira às tecnologias informacionais da comunicação media as relações sociais, engendrando o funcionamento do social como um todo. Cabe ainda ressaltar que esse motor social opera em âmbito privado, ou, antes, em uma indistinção dos domínios público e privado – visto que o privado cada vez mais se publiciza – e a partir de tecnologias de separação. Nesse sentido, ainda de modo diverso dos antigos, a conversação mediada por computador visaria à contínua aceleração das trocas e do desenvolvimento de novos dispositivos tecnológicos, pautando-

<sup>13</sup> Grifos do autor.

<sup>14</sup> Interessante notar que o *romance epistolar*, historicamente, foi um gênero marcado pelo sucesso de vendas e novas edições. “A Nova Heloísa” (Rousseau, 1761) foi um marco nesse sentido, seguido pelo impacto de “Os sofrimentos do jovem Werther” (Goethe, 1754), além dos clássicos “As Viagens de Gulliver” (Jonathan Swift, 1726), “Ligações Perigosas” (Choderlos de Laclos, 1782) e “Drácula” (Bram Stoker, 1897), por exemplo. Porém, mais contemporaneamente, possivelmente por conta do apelo do confessional, o gênero da *correspondência* ou *autobiografia epistolar* tem tido grande destaque. Só no Brasil, o mercado editorial lançou nos últimos anos “Cartas perto do coração”, que traz o diálogo entre Fernando Sabino e Clarice Lispector; “Cartas na mesa”, sobre as trocas do autor com Hélio Pellegrino, Otto Lara Resende e Paulo Mendes Campos e “Cartas a um jovem escritor e suas respostas”, reunindo a correspondência entre Sabino e Mário de Andrade. Também já foram publicadas as cartas de Vinicius de Moraes, Guimarães Rosa, Mário de Andrade, Caio Fernando Abreu, Affonso Romano de Sant’Anna, Manuel Bandeira, Drummond. A última Bienal Internacional do Livro, em 2003, em sintonia com a tendência, produziu a edição de luxo “A República das Letras, de Gonçalves Dias a Ana Cristina César – Cartas de escritores brasileiros – 1865-1995”. No entanto, caberia perguntar se este gênero terá alguma forma de continuidade, tendo em vista que a forma de correspondência tradicional declina vertiginosamente face às novas tecnologias comunicacionais pautadas pela transitoriedade e descartabilidade.

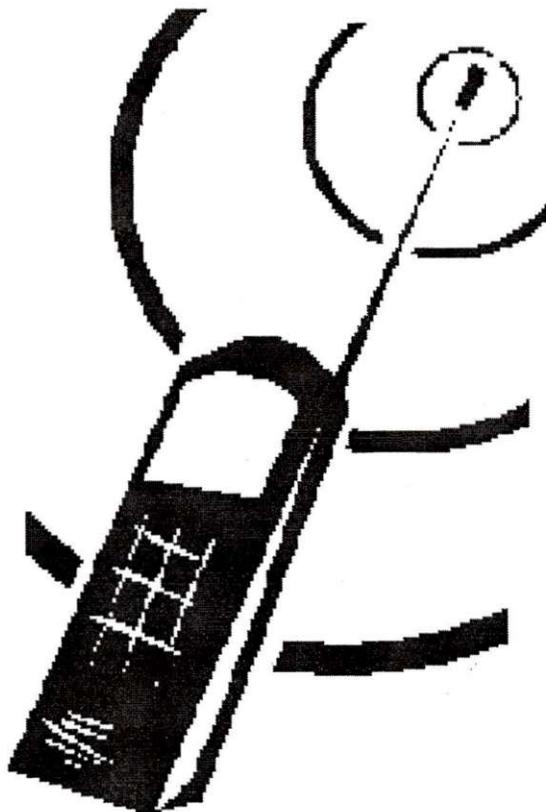
se pela efemeridade e descartabilidade dos fluxos informacionais e não problematizando, conseqüentemente, a durabilidade e a produção de vestígios para a posteridade.

#### Abstract

It is a question of provide elements for an investigation of contemporary long distance conversation, specially the computer mediated one. To achieve our purpose, we focus initially on the conversation practice as a whole, inserting this into a wider social context of progressive destruction of distinctions between public and private spheres. Then, we recuperate some of Gabriel Tarde's keen-sighted observations concerning conversation: its particularities, some of its historical issues and, referring to our specific object, its intricate relations to sociability and communication devices. Finally, based on what was outlined, we indicate some implications of virtual technologies' advent on contemporary conversation practices

Keywords: Conversation 1. Virtual technologies 2. Sociability 3.

#### Referência



ANDRADE, Carlos Drummond de. **O avesso das coisas**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

ARENDRT, Hannah. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

BURKE, Peter. **Uma História Social da Mídia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CRARY, Jonathan. **Suspensions of perception: attention, spectacle and modern culture**. Cambridge/Massachusetts: MIT Press, 2000.

\_\_\_\_\_. **Techniques of the Observer**. Cambridge/Massachusetts: MIT Press, 1990.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

ELIAS, NOBERT. **Os Estabelecidos e os Outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

MATTELART, Armand e MATTELART, Michèle. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

NETTO, Rodrigo Ribeiro Alves. "Notas para o curso 'Hannah Arendt – Das origens do totalitarismo às origens do mundo moderno'", inédito.

SENNET, Richard. **O Declínio do Homem Público – As Tiránias da Intimidade**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

TARDE, Gabriel. **Les Lois de l'Imitation**. Paris: Éditions du Seuil, 2001.

\_\_\_\_\_. **A Opinião e as Massas**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

THEMUDO, Tiago Seixas. **Gabriel Tarde: sociologia e subjetividade**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

Data do recebimento: 24/02/2006

Data do aceite: 20/04/2006